

Inclusão digital como ferramenta para promoção de saúde mental

Resumo: O presente trabalho apresenta o relato do desenvolvimento de um projeto de extensão universitária realizado em uma cidade do interior do Brasil. Trata-se de uma proposta de inclusão digital para pessoas em sofrimento psíquico, usuárias de um serviço substitutivo de saúde mental. Foram realizadas oficinas de informática com 15 pessoas, com frequência semanal. Analisa-se a relevância do uso dos recursos digitais como forma de inclusão e os efeitos do trabalho sobre a vida dos participantes da oficina.

Palavras-chave: saúde mental, inclusão digital, oficina

Introdução

O presente artigo analisa a construção da parceria entre uma universidade comunitária e um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e a instauração de um projeto de extensão. Tal parceria ocorre desde 1999, desde a realização de estágios curriculares do curso de Psicologia, sendo que foi se ampliando com a proposição de um projeto de extensão com a participação dos cursos de Psicologia e Enfermagem¹. Em 2004 iniciou-se outro projeto de extensão universitária intitulado “Criando laços via recursos informatizados”, tendo seu término em 2008.

O objetivo de tal projeto de extensão foi constituir redes de convivência digitais a partir do dispositivo de criação de espaços de vivência subjetiva com o uso de recursos informatizados junto a portadores de sofrimento psíquico usuários do CAPS. A perspectiva de promover inclusão digital foi o motor do projeto, entendendo-a como uma forma de produção e de autoria dos participantes da oficina no ciberespaço (SILVEIRA, 2003; WARSCHAUER, 2003).

Nesta perspectiva, Michelazzo (2003) descrece inclusão digital como uma possibilidade de criação de cidadãos que produzem seus materiais a partir da reflexão sobre seu contexto de vida e não apenas como quem “aperta teclas”. Além disso, viabiliza a disseminação da informática ao reduzir os custos e propicia o senso de comunidade, ao inserir o cidadão em uma proposta que precisa de sua ação para acontecer. Assim, a disponibilização de computadores para uso de classes populares é apenas a infra-estrutura necessária para a garantia de acesso, de produção, de seleção e de significação da informação.

¹ Projeto Criando laços, sob a coordenação das professoras Deise Francisco e Mery Eikhoff e participação das bolsistas dos cursos de Psicologia e Enfermagem.

A inclusão de pessoas em sofrimento psíquico é uma forma de produzir saúde mental em grupos já tão alijados da vida social. Propiciar outras formas de vivência na rede (tanto na sociedade quanto na internet) foi uma das apostas do projeto ora relatado.

Sobre o conceito de rede é interessante seguir sua genealogia. Musso (2004) pontua momentos de mudança paradigmática do termo, passeiando desde a mitologia com a imagem da tecelagem e do labirinto, à medicina hipocrática com a imagem do organismo até a contemporaneidade. Avisa que “a palavra rede (réseau) só aparece na língua francesa no século XII, vindo do latim *retiolus*, diminutivo de *retis*, e do francês antigo *rése*: a rede designa, então, redes de caça ou pesca e tecidos, uma malhagem têxtil que envolve o corpo. Fios entrelaçados para os tecidos, os cordéis ou cestas, as malhas ou tecidos estão em torno do corpo” (2004, p. 18). No século XVII, a rede se torna interior ao corpo humano e não mais exterior ao mesmo, nas propostas da medicina ao tratar sobre o aparelho sanguíneo, por exemplo. Ou, até mesmo, constitui-se uma reciprocidade entre corpo e rede. No final do século XVIII, a partir dos estudos dos cristais, forja-se uma ciência das redes, quando estas perdem seu caráter “natural, corporal” e se constituem enquanto artefatos que podem ser construídos: “A rede pode ser construída, porque ela se torna objeto pensado em sua relação com o espaço. Ela se exterioriza como artefato técnico sobre o território para encerrar o grande corpo do Estado-Nação ou do planeta” (idem, p. 20), constituindo um modelo de racionalidade, inclusive com formalização matemática de sua representação.

O conceito moderno de rede invoca trabalhos de pelo menos quatro disciplinas: medicina, economia política, engenharia militar e engenharia civil. Estas abarcaram diferentes objetos desde o corpo (circulação) vigilância de territórios específicos e circulação de fluxos. Passando por diversos autores e tendências, Musso propõe uma definição para o conceito de rede, a saber: “estrutura de interconexão instável, composta de elementos em interação, e cuja variabilidade obedece a alguma regra de funcionamento” (idem, p. 31).

Da rede de pesca à rede-território, podemos pensar na rede como um dispositivo que retém e deixa passar (talm como a rede de pesca) e como circuitos ativados. Assim, o que passa no projeto, os circuitos ativados, os caminhos percorridos pelas redes são o objeto de reflexão neste artigo. Para tanto, tomamos o mesmo operador (rede) a partir de duas perspectivas diferentes: uma ontológico, que vai tratar do entendimento do sujeito, do ser, de como este se constitui; e outra, sócio-técnica, referente à base material para a circulação das produções. Apesar de serem perspectivas diferentes, elas se enlaçam e compõem sentidos.

A rede da saúde e da saúde mental, operando com a rede universidade, produz redes de sentido e de formas de vida para os portadores de sofrimento psíquico, no grupo, nas famílias, nos bairros de onde provêm os participantes: as redes produzem outras redes (TEIXEIRA, 2005). Tais formas de vida, enredadas nos sentidos anteriormente produzidos redundam em repetições, circuitos que se automatizam de forma a deixar marcas no corpo, na escrita, na fala, mas também formas de resistência e constituição de outras formas de vida. Os cuidados permeiam os afetos dos portadores de sofrimento psíquico, quando, por exemplo, um se deixa afetar pelo percurso do outro, dos outros, produzindo pensares. Quais os percursos efetuados nas redes pelos usuários, equipe extensionista e do CAPS?

Metodologia:

A metodologia de trabalho contava com uma reunião inicial, em que cada participante expunha o que queria fazer ou o que produzira no encontro anterior, comentando sobre suas produções e aprendizagens e de como estava avaliando a oficina. Posteriormente, cada um ocupava uma máquina e desenvolvia seu trabalho com o apoio da equipe e dos outros integrantes do grupo. A proposta fora favorecer a constituição de ações coletivas de produção no grupo, fortalecendo a convivência e a produção na rede.

Utilizou-se o dispositivo grupo-oficina (FERREIRA, 2003), ou seja, um espaço de criação de modos de vida, realizados em estabelecimentos escolares: a modalidade de grupo-oficina pretendia-se um espaço-tempo de ensaio, de simulação de novos acontecimentos na vida desses alunos, espaços de experimentação de si na relação com o outro, assim como um espaço-tempo de produção de conhecimento e de novos modos de vida.

Neste dispositivo, a proposta era a de que se produzissem efeitos singulares, de aprendizagem a partir do que emergisse no grupo, do encontro de diversos corpos (técnicos, artísticos, científicos), do acesso ao plano dos afetos e à construção de novos territórios existenciais. No projeto de extensão, pretende-se constituir um espaço similar, de modo a que se produzam vivências de processualidade e de acoplamentos homem-máquina, na perspectiva da inclusão digital.

A intervenção foi agenciada por uma equipe extensionista - formada pela autora do presente projeto, duas alunas voluntárias, uma bolsista de extensão, todas do curso de Psicologia e um bolsista do curso de Computação – e por 14 participantes, num laboratório com 07 computadores ligados em rede.

Resultados e Discussão:

Inicialmente foram desenvolvidas atividades de “familiarização” com a tecnologia, pois a grande maioria dos usuários ainda não tinha tido contato com computadores. Foram realizadas atividades como escrita de textos, poesias, desenhos, criação de e-mail, navegação na Internet, busca em informações em buscadores, participação em conversas em ambientes como ForChat, Equitext, MSN e uso de editores de texto, de imagem, de som.

Trabalhamos as perspectivas dos participantes sobre o computador e mesmo sobre a oficina. Em grupo discutimos a perspectiva do trabalho e os participantes desenharam e escreveram sobre suas expectativas quanto ao uso do computador, tanto no papel quanto na tela. Surgiram, assim, alguns elementos que compõem a imagem do computador e do grupo-oficina:

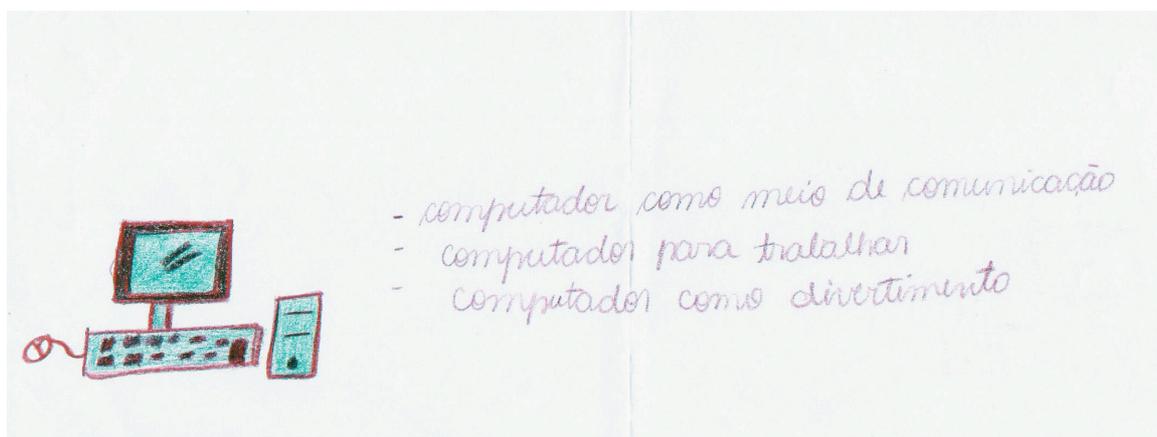


Figura 1: Computador para

O computador é tido como meio para desenvolver trabalhos, como forma de divertimento e como meio de comunicação. A referência concreta da máquina foi realizada em vários desenhos, porém, em alguns, isso escapava e aparecia casa, cachorro, horta. Questões significativas para a vida dos participantes naquele momento que se presentificaram na oficina. Um agricultor, por exemplo, desenha a Figura 14. Nela aparecem: o tomateiro produz o tomate, a terra gera a alface, a cenoura, o milho. O agricultor no CAPS produz o alimento que vai viabilizar o almoço dos usuários. Na oficina de informática é isso o que o agricultor traz: o que a terra produz com o seu trabalho.

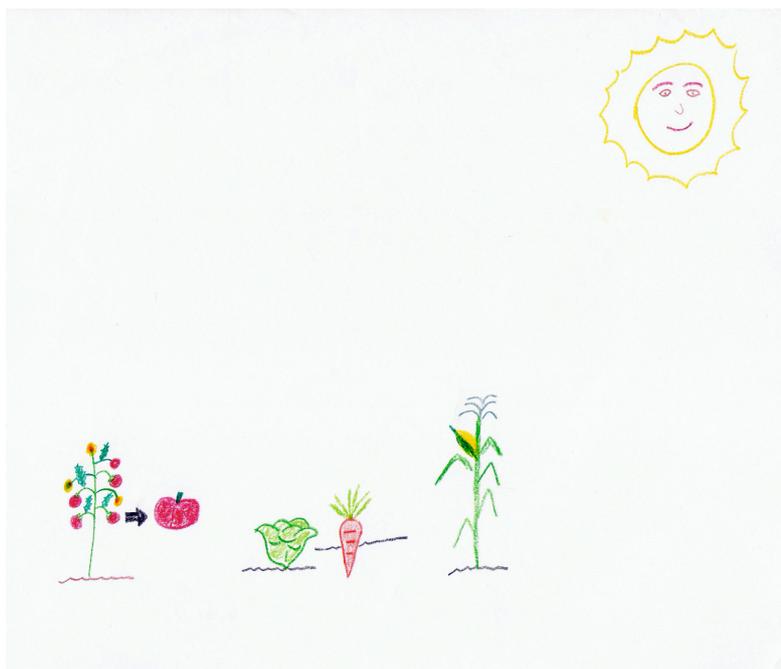


Figura 2: Horta

O computador foi desenhado enquanto trabalho, diversão, informação, comunicação. As referências a imagens de reunião e prestígio foram destacadas, bem como a relação com o computador, na figura do pato pronto para quebrar a máquina. Além disso, outras referências surgiram, como desenhos já feitos pelos usuários em outros momentos, em oficinas no CAPS:



Figura 3: Cachorro

O computador é um meio de trabalho

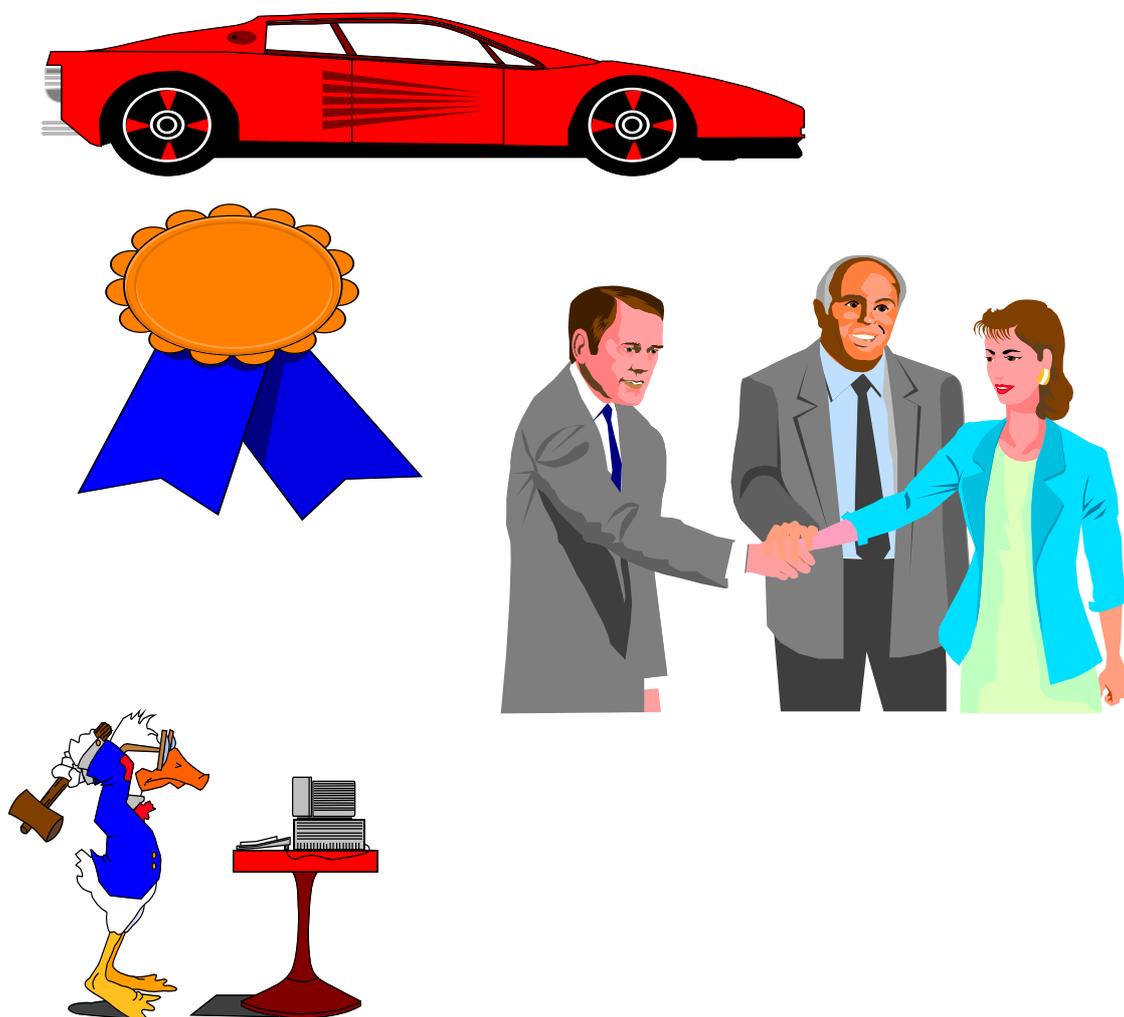


Figura 4: Computador é trabalho

Em outro desenho, o prédio da universidade ganhou destaque, sendo relacionado com o prédio do CAPS: um, de dois pisos e o outro de um piso. No momento do desenho estavam presentes dois participantes que tem o mesmo primeiro nome, sendo de alturas bastante diferentes. A diferença ganhou lugar no desenho, tanto com relação aos estabelecimentos quanto com relação aos participantes. Aqui já estava colocada a questão sobre a relação entre estabelecimentos: um seria “maior” do que o outro? um teria semelhanças com o outro? quais as diferenças entre os estabelecimentos e os usuários/participantes? O desenho serve como analisador das relações entre os estabelecimentos: entre saúde, educação e informática a oficina foi

desenhando formas! A luta por diferenciação da oficina como espaço agenciado no entre universidade e CAPS foi uma constante no trabalho.



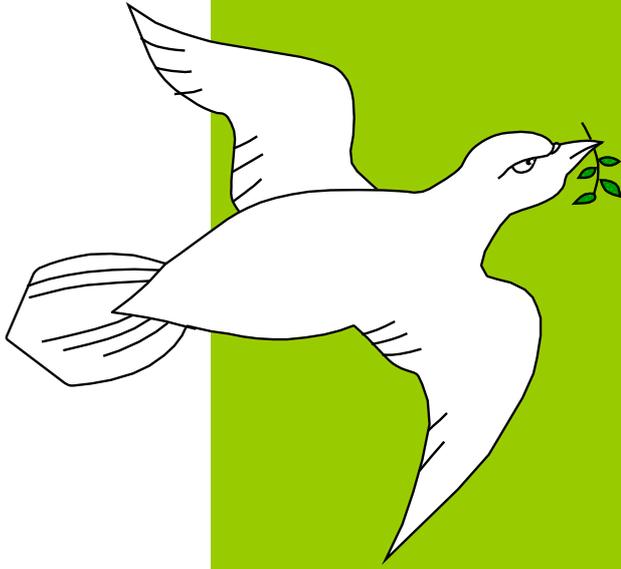
Figura 5: CAPS e Universidade

O espaço da oficina, nestes momentos iniciais, foi batizado por um participante como: “Informática CAPS/URI”. Este nome aponta uma relação entre os estabelecimentos. Remete ao fato de que, em muitas vezes, o espaço da oficina foi entendido como uma atividade do CAPS “fora de sede”, como uma extensão, não mais universitária, mas sim do estabelecimento de saúde. Em outras, a relação de negociação aparecia, demonstrando a diferença entre os registros e as intervenções dos dois estabelecimentos, como por exemplo, na (re)combinação sobre o transporte e na solicitação dos usuários de que fosse feita solicitação por parte da equipe extensionista no sentido de resolver o problema do acesso a oficina. Quando discutíamos sobre saúde, saúde mental, o trabalho realizado no CAPS aparecia diferenciado do que acontecia na oficina. Naqueles momentos se gestava um entre no qual a oficina se desenvolvia.

Algumas pessoas encontraram na proposta da oficina uma possibilidade de buscar algumas respostas a seu sofrimento, na perspectiva de pesquisa de informações sobre quadros patológicos na Internet. Em outros momentos, a busca de informações sobre medicação, efeito da medicação, patologia, alcoolismo, doenças e agravos decorrentes do (ab)uso de substâncias lícitas e ilícitas foi operada pelos participantes da oficina.

Eu acho que computador é um mundo novo que se abre.

Novos horizontes ,talvez coincida com a minha vontade de aprender, de descobrir . viajar num mundo virtual .sair da minha rotina e a chance de descobrir o que é transtorno bipolar ,porque eu só queria saber o que é isso porque comigo.



É isso Enany

Figura 6: Computador é um novo mundo

O encontro com as tecnologias na perspectiva de “criar instâncias locais de subjetivação coletiva” (GUATTARI, 1992, p. 17) possibilitou a visada de uma outra matéria de expressão para os participantes e outra possibilidade de inscrição no socius. A marca de pertença à Universidade, seja pelo login, seja pelo uso da oficina, seja pelo deslocamento entre os prédios e o assento reservado na sala do laboratório deu uma nova tonalidade para os participantes da oficina, na medida em que os reconheceu como sujeitos produtivos e que possuem um lugar/participação assegurados na oficina.

Algumas produções

O circuito da oficina, aqui entendido em sua definição e gestão cotidiana, foi composto pelo dito sobre a necessidade dos participantes produzirem uma obra, coletiva ou individual no contato com o computador (seja texto, desenho, construção de home page, etc.). A autoria e a disponibilização das produções na internet possibilitaram a inclusão digital, na medida em que possibilitou processos de empoderamento dos sujeitos.

Um dos trabalhos realizados pelos usuários foi a confecção de uma apresentação em PowerPoint, na qual inseriram uma fotografia sua. As fotos foram tiradas no laboratório e os usuários fizeram “poses”, após, escolheram qual a foto gostariam de inserir nos slides. Aparecida que, até então, propunha-se a copiar (solicitava quaisquer textos, pois não tinha “idéia do que escrever”), fez sua apresentação, inserindo foto e alguns dados biográficos. Para colocar o título do slide, copiou o nome do mesmo: “charme”. Então, sua apresentação pessoal ficou intitulada charme. Todos no grupo olham sua apresentação e apreciam, brincando com a palavra charme. Ela leva a cópia para casa.

Isso aponta que, mesmo na cópia, num momento aparente de repetição do mesmo, houve um pequeno deslocamento e a produção do outro, da singularidade. Após, imprimimos o material e ela levou para sua família ver. Ali, naquele momento, o charme passou a compor, juntamente com sua imagem e dados biográficos um contorno de si, um devir mulher que foi se insinuando através da estereotipia. Vislumbra-se aí, a relação dos corpos e das forças que, no encontro, agenciam-se em linhas de fuga. Captura dos afetos e dos relacionamentos mediados por computador, inter-grupo e pelas possibilidades de potência de vida emergidas do encontro com a rede informática.

Nesta produção, os corpos se penetraram, se misturaram, transmitindo afetos e fazendo enlances com enunciados e regimes de enunciados em que novas formulações apareceram, um novo estilo para novos gestos. Tal movimento, híbrido de agentes coletivos (humanos-não/humanos), preche de estados maquínicos, possibilita a criação de outras formas de vida, mesmo fugidias. Para além da captura pura e simples dos conceitos (input-output, programa, processamento, por exemplo) há no acoplamento com as tecnologias informáticas uma invenção das formas de pensar, ensinar, aprender, “que produza uma crítica dos modelos identitários, abstratos e unitários, que escape dos planos hierarquizados onde o conhecimento esteja desvinculado das relações de poder que o configuram, que produza a diferença, que esteja pautado na ética da alegria, que esteja comprometido com a invenção de outros modos de subjetivação” (BARROS, 1995, p. 8-9).

Na composição homem-máquina pensamos em composições, decomposições, no funcionamento de máquinas avariadas no circuito aberto da loucura. Um participante inicia seu contato com o computador compondo uma só máquina ao deitar a cabeça sobre o teclado e ouvir os ruídos exalados pela máquina, como que apitos que iam mudando de toque de acordo com a tecla pressionada (cabeça-tecla). De olhos fechados, acompanhava o pulsar da máquina, seus sons e o som das veias do participante.

As avarias que ocorreram com os computadores na oficina tiveram várias explicações, nas quais se misturaram outras tecnologias. Durante a digitação de uma poesia, ocorreu uma interferência no texto de Lis: ao digitar “Jesus” e, depois, digitar o sinal de ponto, o computador congelou. “Foi porque eu escrevi Jesus ponto”, deduz a poetisa. Jesus segurou o satélite e fez parar, trancou o computador, numa demonstração do poder divino. Ela fica em júbilo, neste momento. Jesus, assim, interferiu no computador quando seu nome fora invocado, na forma escrita. Outro dia, quando outro computador travou, com outro participante, ela pergunta se ele escreveu “Jesus” e conta o ocorrido com ela. Ele diz que não, que no caso dele faltou gasolina para o computador e ele parou.

Guattari (1992) propõe que se coloque uma questão para cada tipo de máquina: “seu poder singular de enunciação: o que denomino sua consistência enunciativa específica” (p. 46). Questão que exala sua beleza quando lembramos de cenas da oficina de informática, em que a utilização do computador se compunha com outras formas de enunciação, mas deixava uma marca, um corte que transversalizava as produções, tanto que a pergunta sobre o funcionamento, a criação (quem criou, como criou, deve ser muito inteligente...) do computador acompanhou muitas produções.

O estancamento da produção de uma poesia por uma participante da oficina, por exemplo, quando surgia na tela um robô. Ele, o robô tornou-se texto, matéria da escrita, companheiro de produções. Um amigo, um bicho de estimação, alguém a se cuidar e observar, um mágico que surge e desaparece. A especificidade de lidar com a informação, de possibilitar cortes no escrito propõe um certo lugar de sujeito para o usuário.

Quarta à tarde. Chega um grupo com quatro usuários. Vamos escrever e desenhar, foi isso o que tu nos disse. Desenharam o que querem fazer no computador. A delicadeza do traço do agricultor contrasta com sua fala: só sei trabalhar na horta do CAPS. Aparecida quer fazer um cachorrinho, Mano, uma estrela, com traços retos, nada tortos e coloridos. Mecânico desenha um computador e dá nome: Grupo computador do CAPS.

Os desenhos ficam, pois não está instalado Paint Brush nas máquinas e os usuários escrevem, cada um o que quer: dados de identificação, cursos de computação já feitos, declaração para o CAPS. Chamam-me de professora. Digo que me chamem pelo nome. Aparecida quer um livro para copiar. Jair diz no final: não é difícil mexer no computador. Aparecida começa a jogar. As “aulas” de computador. O olhar duro de Aparecida se mescla com os lábios em sorriso. A desconfiança de Mano se deixa entrever: olhar para todos os lados. Explico onde estamos: “Ah”, diz ele.

As instituições perpassam os estabelecimentos: a professora da universidade, as aulas de computador (educação), as declarações para o CAPS, procurar sobre a doença na Internet para entender melhor o sofrimento (doença mental). A doença mental se afasta gradativamente. Na fala do bolsista: eles nem parecem loucos. Educação e doença mental deram lugar ao encontro e à produção. “Trabalhar com computador não é tão difícil, eu aprendi, eu sei”. O agricultor transforma-se em digitador, descobre-se mais um poder de suas mãos para além do capinar, plantar, colher e desenhar: digitar.

Escritas de si

As tecnologias, conforme Foucault (2004), compõem também subjetividades, pois elas atuam nas dobras da subjetividade na emergência de um si. Atuam como veículos para produção, transformação e manipulação de objetos, como forma de objetivação dos sujeitos, a partir também do uso de jogos de linguagem e, por último, como exercício de si. Ao escrever diários, o participante do grupo-oficina oficia um exercício, um diário em que modula formas de existência a partir da escrita do cotidiano, das suas ações, de seus pensamentos e decisões. O apartamento da experiência vivida cria uma outra camada, a da experiência refletida e digitada.

O ofício da oficina é este obrar e desobrar as experiências de vida, a modulação das ações e dos pensares pelos participantes. Ofício que tem como matéria a vida, a experiência dos participantes no perambular pelas redes sociais das quais faz parte ou das quais “dá um tempo”, como no caso do participante seu afastamento de uma atividade que o mesmo desenvolvia enquanto voluntário.

Podemos pensar no ofício da oficina como ponto de singularização, que se agencia em movimentos de territorialização e de desterritorialização com a vida que vai escorrendo pelo teclado, que é guardada em arquivos e que é socializada em conversas com outros participantes da oficina. O ofício da oficina se dá nestes movimentos, na apreensão de uma forma de expressão na escrita.

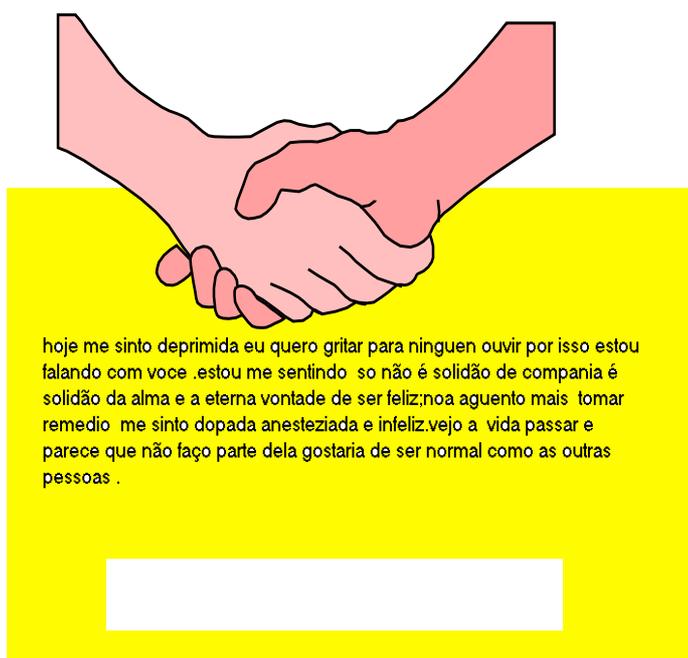
Escrever em editor de texto possibilita a realização de um texto que é apresentado (se realiza) na tela, resultante de uma série de codificações e traduções (LEVY, 1993). A energia elétrica potencializa a máquina e o usuário potencializa o texto ao selecionar códigos informáticos por intermédio do teclado. São atualizados problemas, idéias, intuições de escrita na redação do texto, cuja releitura modifica (virtualização). A intersecção com a tecnologia informática na oficina se deu também pela via da escrita, da escrita de pequenos diários.

Enany participa deste ofício de si. Na reunião de convite e apresentação do projeto de extensão no CAPS, Enany participou apenas no final; saindo da sala, perguntou se, depois de aprender a usar o computador, ela poderia pesquisar sobre sua doença. A usuária chega no laboratório, mostra as peças que faz em tricô, oferece para os participantes da oficina. Diz que gosta de participar da oficina.

Preocupa-se com os outros usuários, comenta sobre o cotidiano no CAPS, sobre como se sente lá, como se relaciona com os outros usuários. Comenta sobre os surtos, tanto seus quanto dos outros. Sofre muito com seus sintomas e com sua família devido a seu sofrimento. Entre estas conversas, Enany escreve o que sente no computador. Diz que o computador é seu analista, pois ele suporta tudo o que ela escreve e não dá nenhuma sugestão, nenhum encaminhamento, nenhuma dica, enfim, ele não se mete.

Parece haver aí uma queixa com relação ao desconhecimento que os psi demonstram com relação ao seu sofrimento. Ao ouvir as sugestões, ela ouve também um desconhecimento e uma desvalorização de seu sofrimento e da sua falta de entendimento com relação ao que lhe acontece por vezes. Mas o computador é muito diferente de si: “este computador é tão lerdo, bem diferente dos meus pensamentos”.

Gosta de escrever, de enviar mensagens de otimismo e de apreço aos outros participantes da oficina, como cartões virtuais. Reclama que não enxerga muito bem na tela e fica muito irritada quando não consegue “controlar” o mouse. Diz não saber mexer no computador, espera quando pede auxílio, mas espera também que a equipe faça as ações que ela não consegue. Enany escreve em seu analista o que está sentindo, cansaço, tristeza e insere uma figura de duas mãos se apertando, um apertar de mãos: sua mão e a do analista, conforme suas palavras.



Na outra semana escreve a “Carta de alforria”, na qual enuncia que é humana, que sua condição humana é o que basta, apesar de tanto sofrimento. Utiliza como fundo um modelo de papel. As imagens e o texto escrito compõem uma mensagem para o analista. Para Enany, o computador é preferível aos psicólogos que fazem muitas perguntas, de alguma forma, o analista a aceita como ela é, ou aceita a forma como ela enuncia. Ininterrupto, ele, entretanto responde, assinala em vermelho o que não consta em seu dicionário: “porque ele sublinha o que eu escrevo?”, pergunta Enany. Explico que ele sublinha as palavras que não conhece. O analista retruca, reage ao escrito, mas de uma forma suportável para Enany.

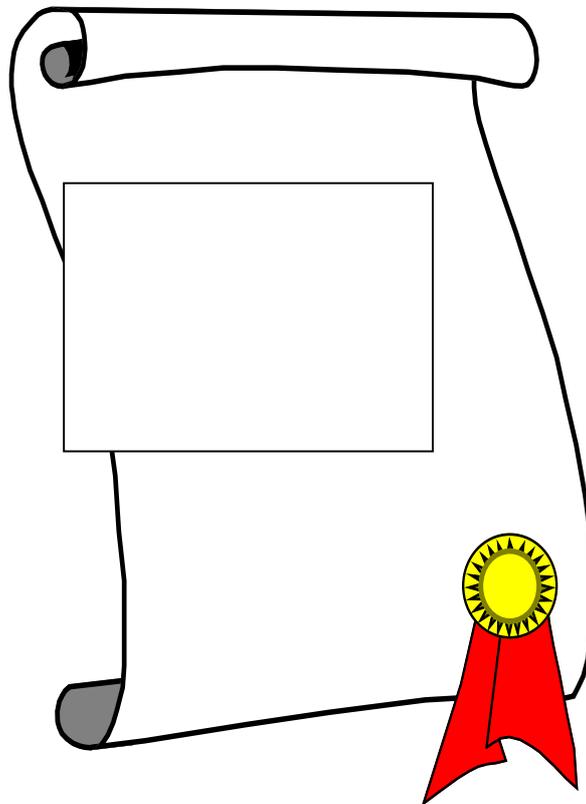


Figura 8 Carta de alforria

Ela conversa, enquanto escreve, diz que é outra, que eu não a conheço, que é egípcia, que é o diabo, que vai para o hospital com a polícia, que não gosta disso, que fica chateada porque a filha mais nova tem medo dela, que conversa com a filha mais velha... Diz não gostar de falar da sua vida para os psicólogos, mas na interface com o computador vai falando da vida, não gosta de ser interpretada, mas se interroga sobre sua doença. Não entende por que surta, por que sofre tanto, queria ser diferente, mas não consegue. Organiza lanches no laboratório, compram refrigerante. Não gosta de

tirar fotos, pois diz ficar feia. Sem dúvida, a relação que gosta de ter com o computador é a de escrever.

A escrita, outra forma de semiotização do sentido, da experiência de sofrimento, possibilita uma outra experimentação com o vivido, a materialização das intensidades através do uso da cor, da letra, da imagem. Ali, nada é perguntado, suas frases são afirmativas, breves relatos sobre como se sente, emoldurados por formas e cores.

Mesmo ainda em um estado embrionário da aprendizagem tecnológica (uso de imagens já constantes no dicionário do Word), Enany utiliza o recurso e se mistura com ele, tentando interagir “na linguagem” do computador, entender as respostas que ele lhe dá. Refaz a imagem que tinha do computador enquanto inerte e sem possibilidade de resposta: ele responde. A pergunta que se faz é sobre o tipo de resposta e o quanto pouco invasiva ela parece ser a Enany.

Computador, objeto antromorfizado pela usuária, que ocupa um lugar intermediário entre a fala para o outro e a escrita. Isso porque, ao final dos encontros, Enany me diz para ler o que ela escreveu. Pergunta-me se li o que ela escrevera anteriormente. Digo que sim e ela se volta para seu analista. O analista rompe com os limites do sigilo e se abre para a palavra, para o olhar, para a leitura. O escrito, aqui, toma lugar do publicizado, do coletivo. Seus textos são publicados na Internet, mas ela não quer escrever e-mails para quem não conhece, não se abre para conhecer pessoas novas, de outras cidades. Um dia assustou-se quando entrou em um *link* em que era possível “conhecer pessoas para namorar”. Disse ser uma bobagem isso. Escrever sim, mas para seu analista. Relações de capturas e não de enclausuramentos, capturas de afetos e de possibilidades.

Conclusões

A convergência de mídias (desde os sons gravados, às imagens desenhadas, poesias digitadas, arquivos disponibilizados na Internet) operam um desregramento de cada mídia, misturando formas de expressão e compondo hipertextos complexos que se potencializam com o deambular dos participantes por seus nós. Em cada bifurcação se abrem novos territórios subjetivos. Assim, os desenhos dos participantes falam das relações entre os estabelecimentos (CAPS, Universidade), das instituições (saúde e formação), da produção de subjetividade e da posição ética perante tudo isso. Em última instância, a posição ética perante a vida na sociedade em rede e nas ondas da sociedade de controle e no desenho de linhas de fuga:

Existem agenciamentos coletivos, usos e apropriações das tecnologias por parte dos sujeitos, que, por sua vez, também vivenciam seus efeitos em seus próprios corpos e subjetividades. Os aparelhos e ferramentas exprimem as formas sociais que os produzem e lhes dão sentido, formando redes, teias de pensamento, matrizes sociais, econômicas, políticas, que permeiam o corpo social inteiro e estão inextricavelmente ligados às novas tecnologias (SIBILIA, 2002, p. 11).

O projeto de extensão, ao articular tecnologias com saúde mental, possibilitou uma entrada no mundo digital para os participantes da oficina. A inclusão digital foi realizada de formas idiossincráticas, na construção de projetos autorais, tanto individualmente quanto em grupo. Advoga-se aqui o uso de recursos variados para a intervenção em saúde mental, a fim de viabilizar a vida na rede por pessoas que já foram tão excluídas em outros momentos históricos.

Referências:

- BARROS, Regina Benevides de. A formação dos psi: questões sobre a ética. *Revista do Departamento de Psicologia – UFF*, v.7, n. 2 e 3, p. 4-9, 1995.
- FERREIRA, Lígia Hecker. Grupos-oficina : ensaios e tentativas de subjetivação em uma escola. MARASCHIN, Cleci; FREITAS, Lia Beatriz de Lucca; CARVALHO, Diana Carvalho de (org.). *Psicologia e Educação : multiversos sentidos, olhares e experiências*. Porto Alegre : Editora da UFRGS, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose** : um novo paradigma estético. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1992.
- KERCKHOVE, Derrick. *A pele da cultura*. Uma investigação sobre a nova realidade electrónica. Lisboa, Relógio D'água, 1997.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência : o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1993.
- MICHELAZZO, Paulino. Os benefícios da educação e da inclusão digital. In SILVEIRA, Sérgio Amadeu da, e CASSINO, João (orgs.). *Software livre e inclusão digital*. São Paulo, Conrad Editora do Brasil, 2003.
- MUSSO, Pierre. A filosofia da rede. In: PARENTE, André (org). *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- PELBART, Peter Pál. *Vida capital : ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- SAWAIA, Bader. Exclusão ou inclusão perversa. In SAWAIA, Bader (org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Rio de Janeiro, Petrópolis, Vozes, 1999.
- SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico*. Rio de Janeiro. Relume Dumará. 2002.
- SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. Inclusão digital, software livre e globalização contra-hegemônica. In SILVEIRA, Sérgio Amadeu da, y CASSINO, João (orgs.). *Software livre e inclusão digital*. São Paulo, Conrad Editora do Brasil.
- TEIXEIRA, Ricardo Rodrigues. Humanização e Atenção Primária à Saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*, 10(3): 585-597, 2005.
- WARSCHAUER, M. Transpondo o fosso digital. In *Scientific American Brasil*, 16(2), pp. 74-79, 2003.